

A NÃO-CONCORDÂNCIA EM DIALETOS POPULARES:
UMA REGRA VARIÁVEL¹

Silvia Rodrigues Vieira

1 Introdução

A não-realização da regra de concordância verbal, no português do Brasil, constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social, de cunho estigmatizante, que se revela, com mais nitidez, no âmbito escolar. O forte contraste entre o uso ou não do mecanismo de concordância e as políticas de ensino, espelhadas em práticas didático-pedagógicas fundamentadas em gramáticas que pressupõem uma norma única, constituem exemplos da necessidade de se conhecerem e descreverem as regras em uso pelas diversas comunidades de falantes. Assim sendo, parece que o primeiro passo para o estabelecimento de uma metodologia adequada ao ensino da concordância verbal é o conhecimento real dos fatores que presidem à opção do falante pela aplicação ou não dessa regra, visto que o cancelamento da marca de número no SV não é categórico. É nesse contexto que se define a importância desta pesquisa.

Investiga-se, neste trabalho, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural na fala de comunidades pesqueiras do Norte fluminense, à luz dos pressupostos da Teoria da Variação laboviana. Diferentemente dos trabalhos variacionistas que investigaram esse fenômeno em variantes urbanas cariocas, a presente pesquisa o faz em dialetos populares não-urbanos, com dados de inquéritos do Arquivo Sonoro do Projeto APERJ – Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro.

2 Metodologia

Os dados que constituem o *corpus* da pesquisa foram selecionados de 72 inquéritos do Arquivo Sonoro do Projeto, referentes a doze localidades do Norte fluminense (Atafona, Barra de Itabapoana, Cambuci, Farol de São Tomé, Gargaú, Guaxindiba, Itaocara, Itaperuna, Ponta Grossa dos Fidalgos, São Benedito, São Fidélis, São João da Barra) distribuídos da

¹ Doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro

seguinte forma: seis informantes de cada localidade, dois por faixa etária – A (18 a 35 anos), B (36 a 55 anos) e C (56 a 70 anos).

Quanto à seleção dos informantes, a pesquisa adota critérios que buscam o estabelecimento de um *corpus* homogêneo: os informantes, bem como seus pais, são naturais das localidades em estudo; são todos do sexo masculino; são analfabetos ou pouco escolarizados; não devem ter realizado viagens longas ou ter vivido por mais de três anos em outra localidade.

No que se refere à coleta de dados, levaram-se em conta os textos das entrevistas do 11º minuto ao fim de cada gravação, o que forneceu um total de 2252 ocorrências de sintagmas verbais de 3ª pessoa do plural, que foram submetidas ao tratamento do pacote de Programas VARBRUL.

3 *As variáveis*

A variável pesquisada constitui um grupo binário – ausência ou presença de marca de plural de 3ª pessoa.

Como variáveis extralingüísticas, levaram-se em conta a localidade e a faixa etária a que pertencem os informantes da pesquisa e, com caráter auxiliar, a escolaridade.

No que se refere às variáveis lingüísticas, estabeleceram-se os seguintes grupos de fatores:

(a) *Posição do sujeito em relação ao verbo*

Os dados foram codificados segundo a posposição (*às vezes aparece uns camarão aí diferente – SJB072A*) ou a anteposição (*outros chamam de bateira – SJB070B*) do sujeito. Dentre os casos de anteposição, separaram-se as ocorrências em que o sujeito se encontra representado na oração pelo pronome relativo “que” (*esses pescador que não liga pra nada – SBE0611A*), a fim de se verificar a hipótese de o relativo – pelo fato de ser uma forma invariável que retoma o SN sujeito – favorecer menos a concordância em comparação com a estrutura do sujeito anteposto sem a presença do relativo. Supõe-se ser a posposição favorecedora do cancelamento da marca de número.

(b) *Distância entre o núcleo do SN e o verbo*

O estudo da distância entre o núcleo do SN e o verbo cumpre o propósito de verificar a hipótese de que quanto maior a distância entre esses dois constituintes da oração, maior será a probabilidade de cancelamento da regra de concordância verbal. Estabeleceram-se, tomando por base as sílabas canônicas, os seguintes fatores: zero sílaba, 1 sílaba, 2 sílabas, 3-4 sílabas, 5-6 sílabas, mais de 6 sílabas.

(c) Paralelismo nível clausal

Partindo do princípio geral do paralelismo de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, o estudo desta variável objetiva verificar se marcas explícitas de plural no SN sujeito levam à presença de marcas de plural no SV. Com o controle dos SNs constituídos por numeral, busca-se verificar se o traço semântico de pluralidade contido nesse tipo de vocábulo exerce alguma influência sobre a concordância verbal.

A definição dos fatores bascou-se no controle: (1) da diferença entre os SNs sujeitos constituídos por um único vocábulo e os constituídos por mais de um vocábulo; (2) do fato de na estrutura do SN haver um numeral; e (3) do fato de o SN – com numeral ou não – estar inserido em um sintagma preposicional.

Estabeleceram-se os seguintes fatores: vocábulo isolado no plural (*eles peixes*); realização da marca de plural no último elemento do SN sujeito não inserido em um sintagma preposicional (*os peixes*); ausência da marca de plural no último elemento do SN sujeito não inserido em um sintagma preposicional (*os peixe*); realização da marca de plural no último elemento inserido em um sintagma preposicional (*os peixes das lagoas*); ausência da marca de plural ou forma não-marcada (singular) no último elemento do SN sujeito inserido em um sintagma preposicional (*os peixes das lagoa os peixes da lagoa*); numeral no último elemento do SN sujeito não inserido em um sintagma preposicional (*os dois/todos dois*); numeral no último elemento do SN sujeito inserido em um sintagma preposicional (*os filhos dos dois*).

(d) Animacidade

O estabelecimento dessa variável teve como motivação a hipótese de que o traço [+ animado], dada a possibilidade de o sujeito constituir o agente da oração, viesse a favorecer a concordância, uma vez que se correlacionaria com o valor semântico que se supõe ser o mais predominantemente veiculado pela classe dos verbos – a expressão de uma ação.

Controlou-se, por meio da variável, a influência dos traços semânticos do tipo [+/- humano] e/ou [+/- animado].

(e) Paralelismo nível discursivo

Essa variável controla a influência da marca de um SV sobre o SV seguinte.

A codificação dos dados para essa variável suscitou amplo questionamento sobre o conceito de paralelismo e, conseqüentemente, sobre o de série discursiva. O que parece estar claro no controle do paralelismo formal é o modo como ele atua – constata-se a repetição de formas -, mas não

o que subjaz ao efeito paralelístico e o que o explica. SCHERRE (1992:48-49), após citar as interpretações de diversos autores para a variável, declara “não ter nenhuma forma objetiva de apresentar argumentação em função de uma ou de outra interpretação” e levanta o questionamento sobre a “real” natureza da variável – se relacionada a um processamento superficial ou a uma função cognitiva.

No caso da concordância verbal, propõe-se que o controle da influência da marca (ou da não-marca) de um SV sobre o próximo SV seja feito dentro de uma série. Os critérios para a definição de série consideram, normalmente, que o sujeito da construção analisada deve ter a mesma referência do sujeito da construção anterior, e que tais construções não devem estar separadas por mais de dez cláusulas e nem pelo discurso do interlocutor.

Neste trabalho, após a testagem de quatro tipos de codificação distintos, reformula-se o conceito de série, efetuando-se rodadas do programa que consideram a influência de SVs de referência igual ou distinta – que assumam a forma de 3ª pessoa do singular ou do plural – sobre SVs plurais. Saliente-se que o controle da influência dos verbos de 3ª pessoa do singular sobre os de 3ª pessoa do plural considera apenas as ocorrências verbais cujas formas sejam coincidentes e estejam inseridas em uma mesma estrutura morfossintática. Os primeiros verbos de uma série e os verbos isolados (SVs não precedidos de verbo com SN plural nem de forma verbal de 3ª pessoa do singular, iniciando ou não uma série) foram tratados separadamente, visto que merecem uma análise diferenciada. Esses casos estão isentos da influência do que se concebe por paralelismo formal, já que não estão precedidos por formas que os possam influenciar.

Fatores:

- verbo precedido de verbo com marca formal de plural no discurso do documentador (mesmo referente)

Doc.: *mas eles atacam o barco?*

Loc.: *não... eles não atacam... ele ele eles eles pro/ eles vivem... eles produzem no barco*

- verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do documentador (mesmo referente)

Doc.: *bom agora me diga de que que é feita normalmente essas agulhas ((interrupção na fita)) de quê?*

Loc.: *elas são feita geralmente de... alguns são faze/ fazem de caixa plástica (GAR085A)*

- verbo precedido de forma verbal não-marcada (3ª pessoa do singular) no discurso do documentador (mesmo referente)

os carpa-macho começa a (pular) na água ... e as carpa-fêmea fica soltando as ova (PGF058A)

- verbo precedido de verbo com forma verbal não-marcada (3^a pessoa do singular) no discurso do informante (referentes distintos)

quando a maré tá diminuindo... tá secando... ela já encheu e agora tá diminuindo... aí o vento vai... as onda vai acalmando mais (GUA033A)

(f) *Saliência fônica*

O princípio da saliência fônica “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989:301).

Para o estabelecimento dos fatores da variável, considera-se: (1) a força da acentuação² e (2) a diferenciação material em termos fonológicos, com a hipótese de que os níveis mais altos de saliência fônica propiciam a concordância verbal.

NÍVEL 1 (oposição não-acentuada): acréscimo do traço suprasegmental de nasalidade (*come/comem; sai/saem*); mudança na qualidade da vogal na forma plural: acréscimo do traço suprasegmental de nasalidade (*fala/falam*); acréscimo de segmento e possível mudança na realização da consoante final do singular – formas verbais terminadas em /S/ e /R/ (*faz/fazem; quer/querem*);

NÍVEL 2 (oposição acentuada): nasalização da vogal acentuada e acréscimo de semivogal (*dá/dão*); nasalização da vogal acentuada, supressão da semivogal da forma singular e acréscimo de uma semivogal na forma plural (*vai/vão*); manutenção da vogal acentuada, supressão da semivogal da forma singular, acréscimo de segmentos (*comeu/comeram; foi/foram; viu/viram*); mudança da vogal acentuada, supressão da semivogal da forma singular, acréscimo de segmentos (*falou/falaram*); acréscimo de segmentos, mudança da tonicidade do vocábulo (*disse/disseram, quis/quiseram*); acréscimo de segmentos, mudança da tonicidade do vocábulo, mudança da vogal do radical da forma singular (*fez/fizeram; teve/tiveram*); manutenção da tonicidade do vocábulo, ausência de distinção entre raiz e desinência, diferenciação fônica total entre as formas singular e plural (caso único: *é/são*); mudança da tonicidade do vocábulo, acréscimo de segmentos, diferenciação fônica entre as formas singular e plural quase completa – apenas um fonema se mantém inalterado

nas duas formas /v/ (caso único: *veio/ vieram*); caso específico do futuro do subjuntivo (*falar/falarem*)

(g) *Relação entre o número de sílabas das formas singular e plural*

Estabeleceram-se, nesse grupo, fatores que controlam a manutenção ou o acréscimo de sílabas na formação do plural dos verbos – manutenção do número de sílabas (*dá/dão; come/comem*); acréscimo de uma sílaba (*faz/fazem; falar/falarem*); acréscimo de duas sílabas (*fiz/fizeram*).

Partiu-se da hipótese de que o acréscimo de sílabas, à medida que torna maior a diferenciação entre as formas singular e plural dos verbos, desfavorece o cancelamento da marca de número do SV.

(h) *Relação entre a tonicidade das formas singular e plural*

Os fatores estabelecidos nesse grupo dão conta das possibilidades de manutenção ou de mudança da tonicidade do item singular – tônico-tônico (*dá/dão*); oxitono-oxitono (*está/estão*); paroxitono-paroxitono (*come/comem*); tônico-paroxitono (*faz/fazem*); oxitono-paroxitono (*falou/falaram, falar/falarem*).

A hipótese que norteou o estabelecimento da variável foi a de que a mudança de tonicidade desfavorece a não-concordância, visto que aumenta a diferença entre o item singular e o item plural.

(i) *Tempo verbal*

A hipótese que motivou o controle dessa variável está relacionada à saliência fônica – supõe-se que os tempos verbais cujas formas são mais marcadas morfologicamente favorecem a concordância. No entanto, o controle fez-se necessário para que se investigasse o comportamento específico dos verbos e, assim, se chegasse a conclusões mais seguras acerca da relação existente entre os tempos verbais, a saliência fônica e o fenômeno da concordância verbal. Para o estabelecimento dos fatores, utilizou-se a classificação tradicional dos verbos, observando-se a ocorrência de tempos simples e compostos.

(j) *Tipo de estrutura morfossintática*

Inicialmente, buscou-se controlar a variável com a hipótese de que verbos utilizados como auxiliares, por terem traços semânticos neutralizados por força de um processo de gramaticalização, demonstrariam comportamento diferenciado do apresentado pelos verbos não-auxiliares

Estes últimos, por não ocorrerem como instrumentos gramaticais, tenderiam a exercer menos influência na variável concordância.

Estabeleceram-se os seguintes fatores: verbos isolados – os *outro ficava a vara* (SBE061A); auxiliares de orações ativas – *pra ver as casa que tinha ido pro fundo* (ATA119B); auxiliares de orações passivas – *essas corda é puxada pra amarrar lá na popa do barco* (PGF058A); verbos + gerúndio – *eles fica querendo brigar um com o outro* (BIT156A); *eles tão dizendo que é o defeso do camarão* (GAR085A); verbo “ir” + infinitivo – *ai eles vão repartir... aquele total pros dois* (SBE141C); verbos (exceto “ir”) + infinitivo – *eles costumam impedir* (ITO099B).

4 A análise

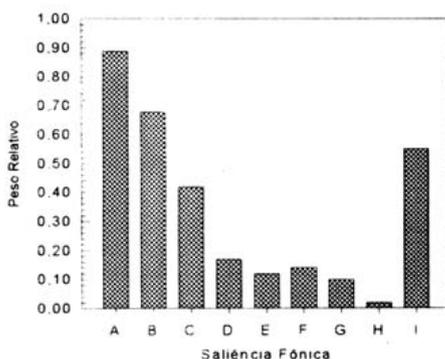
Os resultados apresentados – nos gráficos – referem-se à não-concordância. Como constitui objetivo da pesquisa investigar as regras que presidem à norma dos pescadores, justifica-se a opção por esse valor de aplicação visto que o cancelamento da marca de número do SV mostrou-se predominante no “corpus” estudado (*input* .70; grau de significância de rodada geral .015), condicionado, sobretudo, por fatores de ordem estrutural.

4.1 Variáveis lingüísticas

Dos grupos de fatores de caráter lingüístico, mostraram-se significativos a saliência fônica, o paralelismo nos níveis clausal e discursivo, e a posição do sujeito em relação ao verbo.

Saliência fônica

O controle da variável saliência fônica demonstrou que o cancelamento da marca se intensifica à medida que diminui a diferença material fônica entre as formas singular e plural dos verbos. Assim, nos casos de formas foneticamente semelhantes, registram-se altos índices de não-concordância.



A	<i>come/comem; sai/saem</i>
B	<i>fala/falam</i>
C	<i>faz/fazem; quer/querem</i>
D	<i>da/dão; vai/vão</i>
E	<i>comeu/comeram; falou/falaram</i>
F	<i>disse/disseram; quis/quiseram</i>
G	<i>é/são</i>
H	<i>veio/vieram</i>
I	<i>falar/falarem</i>

GRÁFICO 1 – Atuação da variável saliência fônica

O comportamento dos fatores demonstra que os índices de não-concordância estão, de fato, relacionados aos dois níveis de acentuação. O primeiro nível (composto pelos três primeiros fatores), o menos saliente, apresenta uma maior tendência a não-concordância quando comparado ao segundo nível (composto pelos demais fatores), o mais saliente. Observe-se que o peso relativo mais baixo do primeiro nível é de .42 enquanto o peso relativo mais alto do segundo nível é de .17.

Paralelismo – nível clausal

Para o condicionamento da regra, confirmou-se a pertinência do princípio do paralelismo, tanto no nível clausal quanto no discursivo. De fato, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

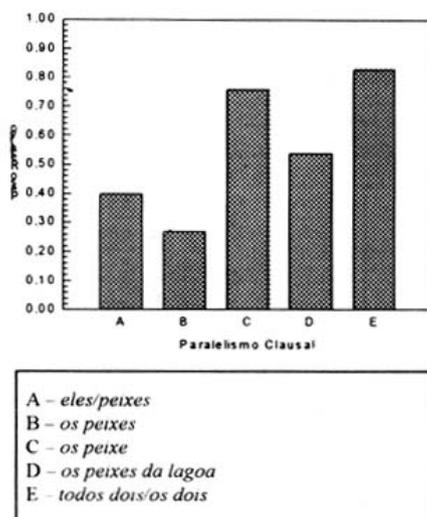


GRÁFICO 2 – Atuação da variável paralelismo no nível clausal

Com a visualização oferecida pelo gráfico, verifica-se, claramente, que as hipóteses levantadas neste trabalho foram confirmadas. A probabilidade de cancelamento da regra de concordância diminui à proporção que os SNs sujeitos apresentam marcas formais de plural.

De modo geral, registraram-se as seguintes tendências: (1) a ausência da marca de plural no último elemento do SN sujeito favorece a não-concordância de modo considerável (.76); (2) a presença de sintagma preposicional cujo último elemento não apresenta marca de plural ou constitui uma forma não-marcada (singular) é, ainda que em menor grau, favorecedora da não-concordância (.54); (3) a presença da marca de plural em SNs constituídos de um só vocábulo ou de mais de um vocábulo desfavorece o cancelamento da marca de número – .40 e .27, respectivamente; e (4) SNs sujeitos cujo último elemento é um numeral favorecem a não-concordância acentuadamente (.83).

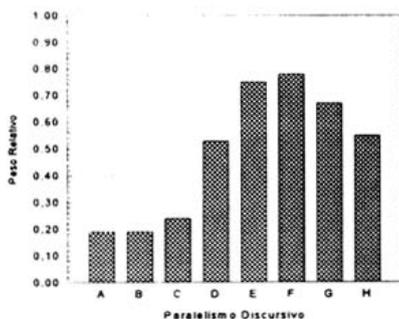
É importante ressaltar a diferença de comportamento – de 13 pontos probabilísticos – entre os casos de SNs constituídos de um só vocábulo e os de mais de um vocábulo. Dos resultados, verifica-se que a marca de plural de SNs constituídos de mais de um vocábulo se repete mais frequentemente. O efeito do paralelismo revela-se, portanto, maior nos casos que contêm mais de uma marca de plural, enquanto aqueles que contêm uma só marca de plural desfavorecem o cancelamento da marca de número em menor grau.

No nível clausal, a ausência de marcas formais no SN sujeito conduz à ausência de marcas formais no SV. Os casos de SNs sujeitos constituídos por numerais, que apresentam o traço semântico de pluralidade, não propiciam a concordância verbal, antes favorecem o cancelamento de forma significativa, o que permite afirmar que o princípio do paralelismo atua pela repetição de formas e não de idéias.

Paralelismo – nível discursivo

O tipo de controle da variável paralelismo no nível discursivo proposto neste trabalho – que considera as formas verbais com referentes iguais ou distintos, singulares ou plurais – levou à reformulação do conceito de série discursiva, apresentando evidências de que o fenômeno se dá no nível predominantemente morfológico – repetição de marcas formais.

Observe-se a representação gráfica do comportamento geral dos verbos, considerando-se a influência do efeito paralelístico:



- A – verbo precedido de verbo com marca formal de plural - discurso do documentador - mesmo referente
 B – verbo precedido de verbo com marca formal de plural - discurso do informante - mesmo referente
 C – verbo precedido de verbo com marca formal de plural - discurso do informante - referentes distintos
 D – verbo precedido de verbo com marca formal de plural - discurso do documentador - referentes distintos
 E – verbo precedido de verbo com marca zero de plural - discurso do informante - mesmo referente
 F – verbo precedido de verbo com marca zero de plural - discurso do informante - referentes distintos
 G – verbo precedido de verbo de 3ª pessoa do singular - discurso do informante - referentes distintos
 H – verbo precedido de verbo de 3ª pessoa do singular - discurso do documentador - referentes distintos

GRÁFICO 3 – Paralelismo no nível discursivo

Confirmaram-se as seguintes tendências: (1) verbos precedidos de verbos com marca formal de plural explícita apresentam baixa tendência à não-concordância; (2) verbos precedidos de verbos com marca zero de plural explícita ou de 3ª pessoa do singular de mesma forma apresentam tendência à não-concordância; (3) a manutenção do referente não constitui condição para a efetivação do efeito paralelístico; (4) a mudança de refe-

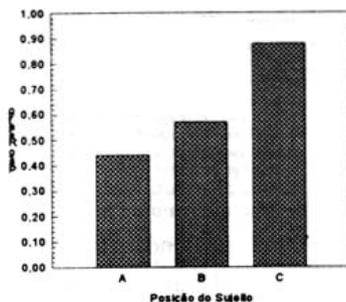
rência associada à mudança do discurso de um interlocutor para o do outro inibe o efeito paralelístico.

Ressalte-se que o controle da variável paralelismo formal no nível discursivo que leva em consideração a mudança de referência constitui, sem dúvida, uma contribuição para a reformulação do conceito de série, sugerida neste trabalho. Para que o efeito paralelístico ocorra, o sujeito da construção analisada não precisa ter, obrigatoriamente, a mesma referência do sujeito da construção anterior – o efeito paralelístico pode ocorrer entre SVs com referentes iguais ou distintos. O que se revela como condição para que ocorra o efeito paralelístico, no caso da concordância verbal, é que se trate de estruturas semelhantes.

O fato de a manutenção ou a mudança de referência não constituir critério para o controle da variável conduz à interpretação de que o que se concebe por paralelismo formal parece se efetuar, em termos práticos, prioritariamente no nível da forma e não no do conteúdo. De fato, trata-se de paralelismo formal e não de paralelismo semântico.

Posição do sujeito em relação ao verbo

Como se pode observar no gráfico seguinte, o comportamento da variável posição do sujeito em relação ao verbo confirmou a hipótese enunciada.



A – sujeito explícito anteposto
 B – sujeito explícito anteposto representado na oração por relativo 'que'
 C – sujeito explícito posposto

GRÁFICO 4 – Atuação da variável posição do sujeito

Os casos de sujeito posposto favorecem acentuadamente o cancelamento da marca de número no SV. Das estruturas de sujeito anteposto – em que predomina a concordância –, destoam aquelas que apresentam SNs retomados pelo pronome relativo "que", o qual, por não ser uma forma marcada, induz também ao cancelamento.

Animacidade e Distância entre o SN sujeito e o verbo

As variáveis animacidade do sujeito e distância entre o núcleo do SN sujeito e o verbo apresentaram comportamento instável em relação à concordância verbal e demonstraram exercer influência de nível secundário, da seguinte forma: (a) sujeitos inanimados favorecem o cancelamento, quando comparados aos animados; (b) quanto maior a distância entre o sujeito e o verbo, menor a tendência à concordância.

Não se mostraram relevantes para o condicionamento da concordância verbal as seguintes variáveis lingüísticas: relação entre o número de sílabas das formas singular e plural dos verbos, relação entre a tonicidade das formas singular e plural dos verbos, tempo verbal e tipo de estrutura morfossintática.

3.2 Variáveis extralingüísticas

Embora o cancelamento seja condicionado, predominantemente, por fatores de natureza lingüística, variáveis extralingüísticas também demonstraram exercer influência na aplicação da regra.

Localidade

A variável diatópica revelou-se significativa para o cancelamento da marca de número. A não-concordância constitui uma tendência mais forte nas comunidades de Atafona, Guaxindiba e Itaocara, o que parece resultar de influências de natureza sócio-histórico-cultural que o parco conhecimento de que se dispõe sobre o Norte fluminense não permite ainda precisar.

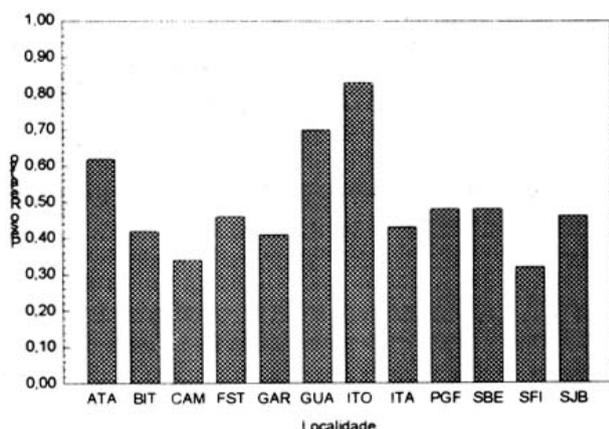


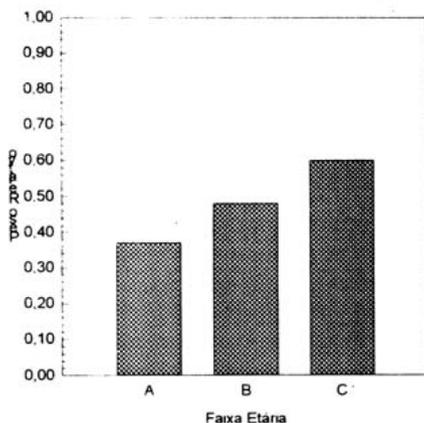
GRÁFICO 5 – Atuação da variável localidade

Em relação à Itacocara, acredita-se que o afastamento dessa localidade em relação ao litoral possa constituir uma explicação para seu índice de não-concordância (.83) – de todos o mais elevado -, fato que está de acordo com uma das hipóteses que nortearam o estabelecimento da variável diatópica. O alto índice de não-concordância registrado em Guaxindiba (.70) e Atafona (.62) – embora sejam regiões localizadas no litoral – pode ser resultado de sua história, que registra séculos de isolamento.

Na verdade, o controle da zona geográfica a que pertence o informante envolve uma série de fatores de ordem extralingüística que foge ao controle da pesquisa e que pode ser responsável pela seleção da variável diatópica por parte do programa. Um estudo detalhado das localidades do ponto de vista histórico e etnográfico e o levantamento das características atuais que envolvem as comunidades em questão – tais como facilidade de acesso, atividades turísticas, número de escolas – constituem, sem dúvida, instrumentos necessários à explicação acertada dos resultados obtidos.

Faixa Etária

No que se refere à variável etária, verificou-se que há alto índice de cancelamento na fala de indivíduos pertencentes às três faixas etárias controladas. A tendência à não concordância intensifica-se à proporção que aumenta a idade dos informantes.



A – 18 a 35 anos
 B – 36 a 55 anos
 C – 56 anos em diante

GRÁFICO 6 – Atuação da variável faixa etária

Os resultados relativos à variável etária revelam o alto índice de cancelamento da regra de concordância nas três faixas. O cancelamento mostrou-se maior no discurso dos informantes mais idosos quando comparado ao dos mais jovens, o que indica, em termos superficiais, tendência à concordância no âmbito do dialeto. No entanto, os índices de não-concordância obtidos em cada localidade delineiam um quadro de instabilidade de comportamento lingüístico pelas faixas etárias (embora os mais novos concordem mais que os mais velhos, às vezes, ocorre o contrário), o que torna prematura a projeção do fato em tempo aparente. De modo geral, acredita-se que o maior índice de presença de marca na fala dos informantes mais novos se deva a um complexo de fatores que abrangem todas as injunções sócio-econômicas que envolvem os pescadores das comunidades norte-fluminenses, dentre os quais deve figurar o fato de serem ou não escolarizados.

A interpretação da “faixa etária” suscita uma reflexão sobre o controle da variável e sobre a abordagem sociolingüística. Sabe-se que a idade dos informantes por si só constitui um fator de natureza cronológica. Ocorre que, quando se controla tal variável em uma pesquisa variacionista, o que se busca investigar, na verdade, não é apenas o comportamento lingüístico dos indivíduos por faixas etárias, mas sim uma série de influências e de hábitos que os envolvem e que, determinando o perfil lingüístico

dos indivíduos, indicam, em tempo aparente, se o comportamento dos falantes em relação ao fenômeno estudado configura um quadro de variação estável ou de mudança. O fato é que ao comportamento linguístico dos indivíduos de determinadas idades subjazem aspectos sócio-comportamentais que não são diretamente investigados na pesquisa.

Outra questão relacionada à faixa etária diz respeito à interpretação da opção dos mais jovens pela concordância verbal. A hipótese inicial da pesquisa pressupunha o contrário: os mais novos apresentariam tendência ao cancelamento – a variante tomada como inovadora. Esse fato levou a alguns questionamentos sobre os conceitos de inovação e conservadorismo. Quando um estudioso estabelece que um dado traço é inovador ou conservador, que padrão linguístico está tomando como referência? Alguma norma está sendo privilegiada? Na presente pesquisa, por exemplo, quando se considerou a concordância como traço conservador, tomou-se como ponto de partida, provavelmente, a norma do pesquisador e não a do informante. Supõe-se que não se pode, à primeira vista, afirmar o que de fato se constitui inovador ou conservador em realidades linguisticamente pouco conhecidas, como é o caso do Norte do Estado do Rio de Janeiro. Assim sendo, a determinação do grau de conservação ou de inovação de um dado traço linguístico deve pautar-se na história particular de cada dialeto, não podendo pressupor normas a ele externas. Ao que parece, devem-se repensar os conceitos de inovação e de conservadorismo, atrelados às características inerentes ao dialeto em estudo. Em outras palavras, o grau de conservação ou de inovação de um dado traço linguístico deve ser estudado, primeiramente, em nível intradialetal e não interdialetoal.

4 Concordância verbal e ensino

Já se faz tempo de se aplicarem os resultados das pesquisas sociolinguísticas ao ensino de Língua Portuguesa. Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, podem-se traçar diretrizes para o ensino da concordância verbal.

Considerando-se as variáveis que se revelaram significativas para o cancelamento da concordância e aquelas que se mostraram de importância secundária, é possível estabelecer os contextos em que o falante mais comumente tenderia à concordância. Observem-se, no quadro que se segue, as estruturas em que se registra maior realização da marca de número no SV e aquelas em que ocorre o contrário.

Tabela 1

Variáveis significativas para o condicionamento da regra de cancelamento – fatores desfavorecedores e favorecedores

Variáveis	Contextos que propiciam a ocorrência de marca de número	Contextos que propiciam o cancelamento da marca de número
saliência fônica	formas verbais de alto nível de saliência	formas verbais de baixo nível de saliência
paralelismo clausal	verbo precedido de SN sujeito marcado	verbo precedido de SN sujeito não-marcado
paralelismo discursivo	verbo precedido de verbo com marca de plural	verbo precedido de verbo com marca zero de plural ou de 3ª pessoa do singular
posição do sujeito	sujeito anteposto	sujeito posposto
animacidade	sujeito animado	sujeito inanimado
distância entre SN e SV	SN sujeito próximo do SV	SN sujeito distante do SV

Sugere-se que se inicie o ensino da concordância pelas estruturas determinadas por fatores que propiciam a ocorrência de marca (expostos na tabela 1). Por outro lado, nos exercícios de fixação propostos, deverão ser priorizadas as construções determinadas pelos fatores que levam ao cancelamento da marca.

No que se refere à variável paralelismo clausal, considerando-se o pressuposto de que o ensino deve tomar como ponto de partida os contextos em que a norma do falante se aproxima da norma culta, abordar-se-ão, primeiramente, as construções em que se efetuam as marcas de plural do SN sujeito em seus termos determinante e determinado. Sabendo-se que o cancelamento da marca de número no SN também predomina na língua falada, principalmente em dialetos populares, pressupõe-se que o ensino da concordância nominal deve preceder o da concordância verbal ou a ele ser simultâneo. A relação existente entre as marcas do SN sujeito e as marcas do SV sugere a viabilidade de se ensinar a concordância verbal aliada à concordância nominal.

Pela observação assistemática dos livros didáticos utilizados no nível médio de ensino, verifica-se que se privilegia a oração como unidade de aplicação das noções sintáticas. Os resultados obtidos com o controle da variável paralelismo discursivo comprovam que exercícios sobre concordância devem alcançar níveis superiores ao da sentença, enfocando construções com verbos em série que possibilitem ao aprendiz a percepção da interinfluência que exercem as marcas de número ou a ausência delas nos SVs seriados.

Para finalizar, acredita-se que os resultados desta pesquisa confirmam e complementam os de outros trabalhos variacionistas sobre o tema. O estudo da concordância verbal nos dialetos dos pescadores norte-fluminenses constitui não só uma contribuição para o estabelecimento de

técnicas e métodos adequados ao ensino de Língua Portuguesa, mas sobretudo um significativo avanço no conhecimento do português do Brasil em sua modalidade popular.

5 *Notas*

- 1 Este trabalho constitui uma síntese da Dissertação de Mestrado da autora, orientada pela Professora Doutora Silvia Figueiredo Brandão: VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte fluminense*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1995.
- 2 Stressed positions are more salient than unstressed positions (NARO, 1981:78)

6 *Referências Bibliográficas*

- ALMEIDA, G. Resgatando a contribuição da sociolinguística laboviana. DELTA 5(1):71-99, 1989.
- AMMON, U., DITTMAR, N., MATHEIR, K.J. (eds.). Sociolinguistics = an international handbook of the science of language and society. New York: Walter de Gruyter, 1988.
- BRANDÃO, S.F. Presença/ausência de marca de número em constituintes do sintagma nominal. Comunicação apresentada ao I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador, UFBA, set. 1994.
- CALLOU, D.M.I., OMENA, N., SILVA, V.P. Teoria da variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso. Caderno de estudos linguísticos 20:17-21, 1991.
- CELADA, M.T. Acerca dos gestos temporais e das migrações na teoria de Labov. DELTA 8(1):135-57, 1992.
- CUNHA, C., CINTRA, L.F. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GRACIOSA, D.M.D. Concordância verbal na fala culta carioca. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. mimeo. Dissertação de Mestrado.
- LABOV, W. The social stratification of English in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- . Principles of linguistic change. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994.
- LAVANDERA, B. Variación y significado. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- LEMLE, M., NARO, A.J. Competências básicas do português. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização, 1977.
- LOBATO, L.M.P. A concordância nominal no português do Brasil à luz da teoria de princípios e parâmetros e da sociolinguística variacionista. DELTA 10:173-212, 1994. (número especial).
- MOLLICA, M.C. Por uma sociolinguística aplicada. DELTA 9(1):105-11, 1993.

- NARO, A.J. The social and structural dimensions of a syntactic change. Language 57(1):63-98, 1981.
- _____, BRAGA, M.L. A questão do tamanho da amostra. Tempo Brasileiro 117:61-6, 1994.
- _____, SCHERRE, M.M.P. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. In: SILVA, G.M.O., SILVA, R.V.M., BORTONI, S.M. Fotografias sociolinguísticas II. São Paulo: Pontes. No prelo.
- _____. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G.M.O., TARALLO, F. (orgs.). Cadernos de estudos linguísticos 20:9-16, 1991.
- _____. A dinâmica sociolinguística da aparente convergência. DELTA 10:141-72, 1994. (número especial).
- ROSSI, N. Variação diatópica e sociolinguística. In: CONGRESSO DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, 2. Niterói. /Atas.../ Niterói: 1984.
- SCHERRE, M.M.P. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org.) Fotografias sociolinguísticas. Campinas: Pontes, 1989a. p.301-32. (Coleção Linguagem/Crítica).
- _____. Paralelismo formal e cognição. Boletim da Associação Brasileira de Linguística 13:43-53, 1992.
- _____. Relação entre hipóteses linguísticas e dados. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOL, 7. Porto Alegre, 17-20 mai. 1992. /Anais.../ Goiânia, v.2, p.860-7, 1993.
- _____, ALMEIDA, E., AZEVEDO, G.H.R. A concordância verbal em construções de sujeito complexo e/ou coordenado. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS, 2. Rio de Janeiro, 1992. /Anais.../ Rio de Janeiro: UFRJ. No prelo.
- _____, NARO, A.J. Marking in discourse: "Birds of a Feather". Language Variation and Change 3:23-32, 1992a.
- _____, _____. The serial effect on internal and external variables. Language Variation and Change 4(1):1-13, 1992b.
- _____. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. DELTA 9(1):1-14, 1993.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. Reflexões sobre a pesquisa em mudança linguística. DELTA 10:223-46, 1994. (número especial).
- TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985. (Princípios, 9).
- _____. (org.). Fotografias sociolinguísticas. São Paulo: Pontes, 1989.
- TRUDGILL, P. On dialect. 2.ed. New York: Basil Blackwell, 1984.
- VOTRE, S.J., NARO, A.J. Mecanismos funcionais do uso da língua. DELTA 5(2):169-84, 1989.